

OS PRINCIPAIS TIPOS DE UTILIZAÇÃO DO SOLO NO ALENTEJO MERIDIONAL EVOLUÇÃO DE 1885 A 1951

MARIANO FEIO¹

Resumo: Partindo das *Cartas Agrícolas* de G. Pery, do fim do século XIX, e da *Carta Agrícola e Florestal* do SROA, de meados do século XX, apresenta-se a evolução dos principais tipos de utilização do solo no Alentejo meridional: charneca, culturas arvenses, montado, olivais e vinha. A evolução foi muito grande, principalmente na redução da charneca e no grande aumento das culturas de cereais, causadas pelo proteccionismo do trigo (Elvino de Brito), instituído no fim do séc. XIX, de que resultou considerável aumento de preço deste cereal.

Palavras-chave: Alentejo, agricultura, evolução.

Résumé: LES PRINCIPAUX TYPES D'UTILISATION DU SOL DE L'ALENTEJO MERIDIONAL. ÉVOLUTION DE 1885 A 1951 – Cette étude est basée sur la comparaison quantifiée des deux séries de cartes agricoles qui ont couvert le Sud du Portugal, celle de Pery, à la fin du XIX^e siècle, et celle du SROA, vers le milieu du XX^e siècle. On a distingué les étendues couvertes de lande, de terres labourables, de «montado», d'oliviers et de vignes. L'évolution a été très marquée, avec la réduction des landes et une forte augmentation de la culture des céréales, en raison de la protection accordée au blé à la fin du XX^e siècle (Elvino de Brito), qui a entraîné une augmentation considérable de son prix de vente.

Mots-clef: Alentejo, agriculture, évolution.

A existência de duas séries de *Cartas Agrícolas de Portugal*, levantadas respectivamente nos fins do século XIX e em meados do século XX, permite estabelecer frutuosas comparações, bastante precisas e seguras, entre os modos de utilização do solo nas duas épocas.

As *Cartas Agrícolas*, levantadas de 1882 a 1893 sob a direcção de Gerardo Pery, foram já apresentadas nesta revista (FEIO e ROXO, 1991). A carta Agrícola e Florestal do Serviço de Ordenamento Agrário (SROA) foi também objecto de notícias anteriores na *Finisterra* (RIBEIRO, 1967; LEMA, 1971).

¹ Professor Universitário Jubilado e Agricultor. Caixa Postal 248. 7900 Canhestros.

Por outro lado, encontra-se em publicação um livro do autor deste artigo, *A evolução da Agricultura do Alentejo Meridional*, cuja primeira parte é inteiramente consagrada à evolução da utilização do solo no Alentejo meridional, entre as datas de levantamento dos dois conjuntos cartográficos. Remetendo o leitor para esta publicação onde encontrará o apuramento pormenorizado dos dados e a discussão crítica dos métodos de comparação utilizados, entende-se apresentar-se apenas aqui, sucintamente, os traços mais gerais da evolução registada.

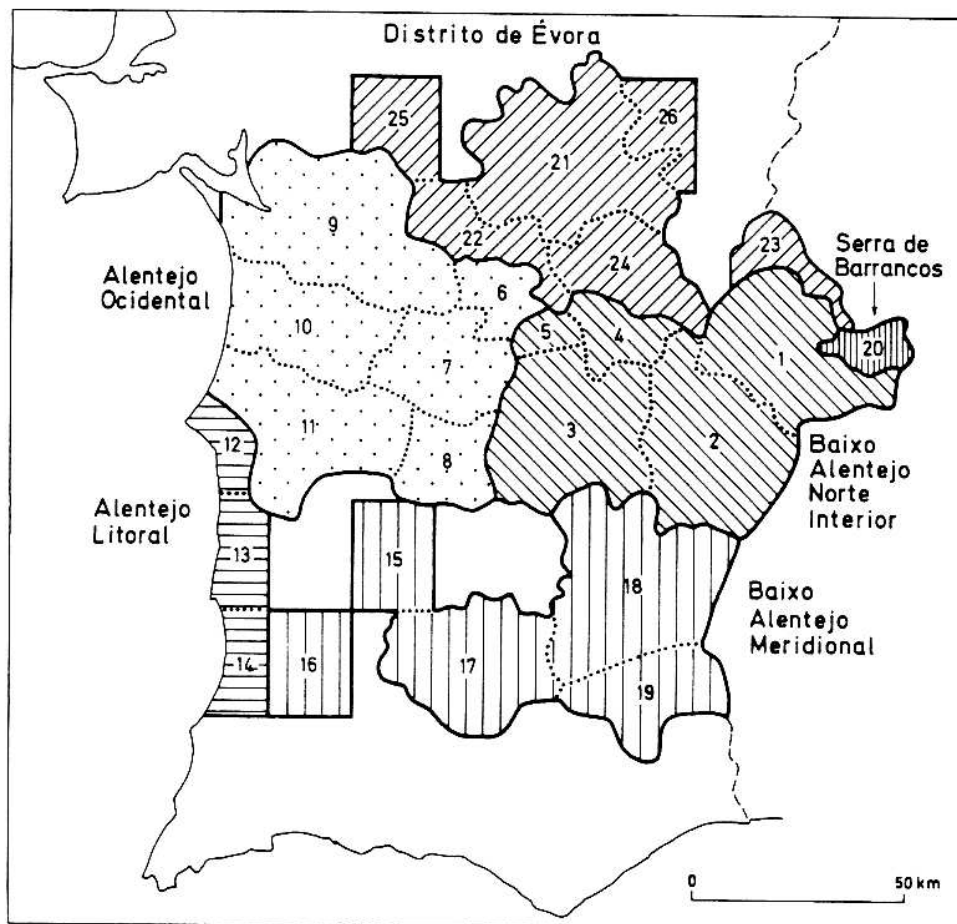


Fig. 1 – Localização dos espaços estatísticos considerados. Os números referem-se a concelhos (ou folhas da *Carta Agrícola*), que foram agrupados em conjuntos regionais (cf. quadro I).

A figura 1 indica os espaços para os quais foi possível apurar dados estatísticos comparáveis, extraídos das *Cartas* e das *Memórias* anexas. São espaços geralmente concelhios, que foram agrupados em conjuntos regionais, tão coerentes quanto possível.

O quadro I resume, dentro destes espaços, as áreas relativas que eram ocupadas, em cada um dos períodos, pelos grandes tipos de ocupação do solo que se distinguiram. Para maior simplicidade de leitura, neste quadro e nos seguintes, o primeiro período foi designado por «1885» e o segundo por «1951». Indicou-se também, a itálico, a relação da área de 1951 para a de 1885.

No texto que se segue, apresenta-se resumidamente a evolução sofrida, no quadro das seis áreas regionais que foram distinguidas, pelas cinco mais importantes categorias de utilização do solo existentes no Sul de Portugal: charnecas, culturas arvenses (incluindo pousios), montados, olivais e vinhas.

CHARNECA (quadro II)

Começamos pela rubrica «charneca e matos», a mais expressiva e que sofreu maior evolução. Em 1885 ocupava enorme área; cerca de 70 anos mais tarde estava reduzida a pouco, na *Carta Agrícola e Florestal* consta da modesta rubrica de incultos, que aqui se assimila à charneca.

Apresentam-se pequenos quadros-resumo, para facilitar a apreciação de conjunto. Os agrupamentos destes quadros II a VI correspondem às regiões geográficas do quadro I e da figura 1.

A diminuição da área da charneca é espectacular (quadro II), em especial os 241 000ha do *Alentejo Ocidental*; os 20 167 ha que ainda existem em 1951 são restos em Alcácer (10 649 ha) e Grândola (6 270 ha). Há incerteza na distinção entre pousio e charneca. Na nossa opinião, a área de «pousio» deveria ser aproximadamente igual, ou um pouco superior, à das «culturas arvenses». A comparação entre as áreas destas categorias dá idéia das variações de critério, embora elas fossem diferentes de local para local. Para além destas diferenças, a área de charneca em 1951–60 era incomparavelmente mais pequena; como é do conhecimento geral estava reduzida a muito pouco, mesmo em terras declivosas e erosionáveis, como a Serra do Algarve.

No *Baixo Alentejo Norte Interior*, na carta antiga, a charneca situava-se sobretudo nos solos derivados de xistos da parte sul dos concelhos de Serpa e de Beja (três quartos do total); como caso extremo, na parte sul do concelho de Serpa, situada nas folhas 199 e 200, a charneca ocupava 91% da área e as arvenses e pousio o restante (levantamento de 1897). Em 1951–60 estes solos, apesar da péssima qualidade da maioria, estavam cultivados e a única mancha importante de charneca desta região situava-se na «Contenda» de Moura, região com contencioso fronteiriço secular, que ficou sempre no regime de baldio, embora em parte arrendado e nos meados do século XX entregue aos Serviços Florestais. Solos muito maus.

Quadro I A – Utilização do solo. Comparação das duas épocas.

Concelhos	Regadio			Culturas arvenses mais pousio			Vinha			
	1885	1951	rel.	1885	1951	rel.	1885	1951	rel.	
BAIXO ALENTEJO – NORTE INTERIOR										
1	Moura	0,15	0,20	1,3	23,9	34,9	1,4	0,53	0,89	1,68
2	Serpa	0,10	0,29	2,9	22,7	51,8	2,3	0,56	0,20	0,36
3	Beja	0,17	0,40	2,4	40,0	64,9	1,6	1,53	0,28	0,18
4	Vidigueira	0,26	0,53	2,4	45,5	52,5	1,2	6,84	3,50	0,51
5	Cuba	0,19	0,45	2,4	40,4	60,4	1,5	7,36	2,66	0,36
ALENTEJO OCIDENTAL										
6	Alvito	0,25	0,97	3,9	21,2	57,3	2,7	0,81	0,45	0,56
7	Ferreira	0,04	0,57	14,2	20,9	58,9	2,8	1,94	0,29	0,15
8	Aljustrel	0,04	0,16	4,0	37,9	74,2	2,0	1,27	0,53	0,42
9	Alcácer do Sal	0,66	4,04	6,1	9,9	40,2	4,1	0,81	0,91	1,12
10	Grândola	0,41	1,49	3,7	12,3	50,0	4,1	0,36	0,54	1,50
11	Santiago	0,35	1,31	3,8	11,3	56,0	5,0	0,22	0,74	3,36
ALENTEJO LITORAL										
12	Sines	0,51	1,52	3,0	17,6	72,3	4,1	0,30	0,84	2,80
13	Milfontes	0,07	1,07	15,3	21,4	77,3	3,6	0,03	0,09	3,00
14	S. Teotónio	0,15	1,52	10,1	23,4	72,3	3,1	0,48	0,30	0,63
BAIXO ALENTEJO MERIDIONAL (Campo Branco e Meia Serra)										
15	Garvão – fl.196	0,13	0,17	1,3	26,0	62,1	2,4	0,15	0,08	0,53
16	Odemira – fl. 202	0,11	—	—	10,4	—	—	0,11	—	—
17	Almodôvar	0,01	0,16	16,0	15,8	57,6	3,6	0,04	0,03	0,75
18	Mértola	0,09	0,08	0,9	62,9	89,6	1,4	0	0,01	—
19	Alcoutim	0,29	0,06	0,2	70,2	94,9	1,4	0,32	0,01	0,03
SERRA DE BARRANCOS										
20	Barrancos	0,05	0,34	6,8	12,6	13,3	1,1	0	0	—
DISTRITO DE ÉVORA (parte)										
21	Évora	0,27	0,41	1,5	56,9	61,0	1,1	1,60	0,60	0,38
22	Viana	0,21	0,60	2,9	31,0	59,5	1,9	0,19	0,11	0,58
23	Mourão	0,15	0,17	1,3	55,3	62,8	1,1	0,45	0,24	0,53
24	Portel	0,15	0,15	1,0	20,8	32,5	1,6	0,31	0,06	0,19
25	Montemor	0,29	1,41	4,9	14,3	21,3	1,5	0,39	0,05	0,13
26	Redondo	0,03	0,85	28,3	33,6	37,5	1,1	3,60	1,70	0,47

Os valores de 1885 e 1951 são as percentagens da área ocupada pela cultura em relação à área total do concelho. A coluna «rel.» indica a relação de 1951 para 1885.

Quadro I B – Utilização do solo. Comparação das duas épocas.

	Olival			Montados			Charneca		
	1885	1951	rel.	1885	1951	rel.	1885	1951	rel.
1	8,70	15,60	1,8	48,1	40,2	0,84	12,3	5,50	0,45
2	8,90	18,80	2,1	20,9	26,1	1,25	43,7	0,78	0,02
3	3,80	6,30	1,7	16,7	26,2	1,57	37,2	0,90	0,02
4	2,70	8,10	3,0	17,9	32,5	1,82	19,4	0,88	0,05
5	5,00	7,00	1,4	23,7	27,8	1,17	20,1	0,68	0,03
6	3,50	8,30	2,4	21,2	32,2	1,52	50,3	0,06	0,01
7	1,30	5,10	3,9	16,5	31,6	1,92	57,7	1,70	0,03
8	1,40	5,30	3,8	8,9	18,5	2,08	47,7	0,25	0,01
9	0,96	1,90	2,0	11,6	31,4	2,71	58,0	7,30	0,12
10	0,35	1,10	3,1	19,4	28,9	1,49	58,4	7,70	0,13
11	0,41	0,37	0,9	32,5	35,2	1,08	50,6	1,80	0,04
12	0,06	0,21	3,5	9,3	12,6	1,35	65,0	5,90	0,09
13	0,26	0,03	0,1	5,0	6,5	1,30	67,3	10,60	0,16
14	0	0,06	—	4,6	10,7	2,33	61,6	10,30	0,17
15	0,66	1,85	2,8	37,4	35,4	0,95	31,3	0,13	0,01
16	0,26	—	—	21,7	—	—	66,3	—	—
17	0,15	0,66	4,4	48,4	44,0	0,91	26,7	2,93	0,11
18	0,09	0,32	3,6	7,1	7,5	1,06	29,2	1,23	0,04
19	0,67	0,61	0,9	9,4	1,9	0,20	18,2	0,14	0,08
20	1,46	3,20	0,22	62,9	70,5	1,12	14,0	12,0	0,86
21	4,60	5,00	1,1	23,8	31,5	1,32	7,4	0,10	0,01
22	4,80	4,10	0,85	23,1	33,4	1,45	37,8	1,00	0,03
23	4,50	7,10	1,6	29,1	21,0	0,72	5,8	6,30	1,09
24	2,70	7,10	2,6	38,7	58,1	1,50	22,1	1,00	0,05
25	3,40	6,70	2,0	36,3	69,7	1,92	35,4	0	—
26	7,30	10,3	1,4	32,2	48,4	1,50	12,9	0,10	0,01

No *Litoral*, pela carta antiga, a plataforma estava coberta de charneca (dois terços do total); os levantamentos são de 1888–90. Sessenta anos depois, só havia

charneca nas vertentes íngremes e nalgumas partes da serra de xisto que estão incluídas na área considerada.

A *Serra de Barrancos* – modesto relevo de xisto – tinha já em 1892 ocupação muito elevada de montado de azinho (63%), o que diminuía naturalmente a área de charneca, que não ia além de 14%, apesar da má qualidade dos solos. A diminuição da charneca para 1951–60 foi pequena, pois a utilização do solo estava bem de acordo com a aptidão ecológica e a solução era também boa no aspecto económico. Só o aparecimento da peste suína africana, por volta de 1960, veio desvalorizar este equilíbrio.

Quadro II – *Charneca*

	1885		1951		Variação (ha)	Relação 1951/1885
	Área (ha)	%	Área (ha)	%		
Bx. Alent. Norte Int.	106 418	(30,0)	7 559	(2,0)	– 98 859	0,07
Alentejo Ocidental	261 030	(55,0)	20 167	(4,3)	– 240 863	0,08
Alentejo Litoral	44 798	(65,0)	6 621	(9,3)	– 38 177	0,15
Conc. Almd., Mért., Alcout.	64 539	(26,0)	3 960	(1,5)	– 60 579	0,06
Serra de Barrancos	2 396	(14,0)	2 032	(12,0)	– 364	0,85
Distr. Évora (parte)	55 396	(18,0)	2 898	(0,9)	– 52 498	0,05
	534 577		43 237		– 491 340	0,08

Os três concelhos que se consideram no *Baixo Alentejo Meridional* tem uma área de charneca bastante pequena – 26% do total – menos do que o *Norte Interior* que tem incomparavelmente melhores solos. Voltaremos à problemática desta região adiante, a propósito das arvenses e pousios. No respeitante à charneca, a situação do concelho de Almodôvar compreende-se pela grande proporção de montado – 57% da área se considerarmos o chaparral. Em *Mértola e Alcoutim*, pelo contrário, as áreas de montado são pequenas e salientam-se as áreas de pousio, 2 vezes e 2,5 vezes a área das arvenses, respectivamente. Aqui a técnica de marcação dos pousios é diferente da maior parte dos outros concelhos; se se tomassem para o pousio áreas da mesma ordem de grandeza das culturas arvenses, teria de se transferir para a charneca cerca de 42 000 ha, o que elevaria a proporção da charneca nos três concelhos para cerca de 41%.

Que culturas foram ocupar a enorme área de perto de meio milhão de hectares de onde a charneca foi extirpada? É o que procuraremos mostrar a seguir **nas culturas arvenses, nos montados e nos olivais**; entretanto as vinhas diminuíram, mas se o valor económico é grande, a superfície comprometida é pequena.

CULTURAS ARVENSES E POUSIOS (quadro III)

O aumento da área das culturas lavradas, com o seu corolário pousios (que são as pastagens naturais), é enorme, como consequência da política proteccionista do trigo, instituída no fim do século, e do aumento da população.

Consideram-se aqui, de acordo com as legendas das cartas, apenas as arvenses «em terra campá», pois, quando há montado, é este que as cartas assinalam. Como se disse, arvenses e pousios constituem um conjunto, na rotação de culturas, que as cartas e apanhados do Serviço de Reconhecimento e Ordenamento Agrário, relativos a 1951, não distinguem; fazem-se por isso aqui as comparações pelo conjunto.

Quadro III – *Culturas arvenses e pousio*

	1885		1951		Variação (ha)	Relação 1951/1885
	Área (ha)	%	Área (ha)	%		
Bx. Alent. Norte Int.	111 247	(32,0)	192 171	(50,8)	80 924	1,73
Alentejo Ocidental	73 794	(16,0)	246 132	(52,5)	172 338	3,34
Alentejo Litoral	14 616	(21,0)	52 952	(74,4)	38 336	3,62
Conc. Almd., Mért., Alcout.	126 985	(52,0)	215 367	(81,6)	88 382	1,70
Serra de Barrancos	2 156	(13,0)	2 246	(13,3)	90	1,04
Distr. Évora (parte)	116 668	(38,0)	147 191	(45,7)	30 523	1,26
	445 466		856 059		410 593	1,92

No *Baixo Alentejo Interior* o aumento é grande – de 73% – mas as boas terras, como os «barros» de Beja, já estavam cultivadas em cultura intensiva sem pousio; o aumento dá-se sobretudo nas terras pobres.

Mas onde o aumento é verdadeiramente espectacular é no *Alentejo Ocidental*, onde a cultura era muito pouca (16% da área), mas multiplicou por 3,3. No *Alentejo Litoral*, a evolução foi praticamente igual. Mas não aconteceu assim noutras regiões. A *Serra de Barrancos*, é certo que com dimensão sem significado, já tinha encontrado vocação e equilíbrio no montado de azinho e não sofreu modificações.

O *Baixo Alentejo Meridional*, que se representa pelos três concelhos para que se conseguiram obter elementos, em parte minutas inéditas, tem um interesse particular, por estar muito cultivado já no fim do século passado, apesar da pobreza dos solos, derivados de xistos e grauvaques. Pelos apuramentos do SROA (LEITÃO, 1973), o concelho de Almodôvar tem 73% da área de solos da classe E (absolutamente impróprios para a agricultura) e 21% da classe D (também impróprios para a agricultura mas com menos limitações que a anterior); em Mértola o quadro é semelhante, com 77% da classe E, 16% da D e 4% de improdutivos (área do Guadiana e outros cursos de água). O relevo deriva da peneplanície do Alentejo, empolada para formar a Serra do Caldeirão: na região de Castro Verde é relativamente plana, com cotas da ordem dos 240 m, e eleva-se para o sul, estando na área de Almodôvar um pouco acima dos 300 m, e continua a elevar-se, agora mais de-

pressa, e a 16 km ao sul desta vila alcança-se o ponto mais alto da Serra do Caldeirão (Mú, 573 m). Temos seguido o interflúvio principal; para o nascente, o rio Vasco, que vai ao Guadiana, e os seus afluentes, dissecam fundamente o relevo.

O facto mais saliente, surpreendentemente mesmo, é a proporção elevada de culturas arvenses no fim do século passado. A área destas culturas em terra campá em Mértola e em Alcoutim, era 20% e 19% do total, respectivamente; estes números são muito aproximados, porque, como havia pouco montado, a área semeada debaixo de coberto tinha de ser pequena. Não acontecia assim em Almodôvar, por isso não se refere. Como comparação, alguns anos antes, a proporção em Beja era de 33%, em Ferreira de 17% e em Aljustrel de 23%.

Tem interesse dar ideia da diversidade da região.

A folha 200, no concelho de Mértola, margem esquerda junto da fronteira, tem características diferentes na parte sul e na parte norte. A primeira é muito povoada (Mina de S. Domingos) e a propriedade é particular e dividida: as culturas arvenses mais os pousios ocupam 40% da área, a charneca outro tanto, e o resto é montado. A parte norte está no regime de baldio, que se estende pelo concelho vizinho de Serpa: só se cultivam 10% (pousios incluídos) e os restantes 90% são charneca. A importância do regime de propriedade evidencia-se claramente. Este baldio veio a ser repartido em courelas por volta de 1906.

Na folha 206, a proporção de pousio (76%) e a pouca charneca (9,5%) levantam muitas dúvidas, tanto mais que a cultura arvenses se localiza na parte sueste da folha, à volta da povoação do Pereiro, e, na metade norte, quase só há pousio. Ora, para haver pousio, que faz parte da rotação com arvenses, tem de haver estas culturas. Julgamos que se deve tratar, em grande parte, não de pousio, mas de charneca. Há todas as transições, a destriça não é fácil e pode haver critérios diferentes. Já nos referimos ao assunto atrás. Em situações destas, o mato começa logo a nascer no ano seguinte à última cultura, passados cinco anos já há muito mato e em breve cobre a terra toda. Se a terra é muito ruim, o mato cresce menos e parece mais novo.

A folha 205 também tem muito pousio, mas neste caso as culturas arvenses estão bem entremeadas com o pousio. Outras folhas parecem equilibradas. De qualquer modo, a rubrica culturas arvenses é de mais confiança para comparação entre cartas antigas do que o conjunto arvenses mais pousio, não esquecendo que, tanto num caso como noutro, há ainda culturas e pousios debaixo dos arvoredos, o que pode ter muita influência quando a área de montado é grande. Como as cartas e apuramentos de 1951 não distinguem as arvenses dos pousios, aqui os critérios têm de ser outros.

A folha de Alcoutim (207) sobressai pelas centenas de manchas minúsculas de culturas, a testemunhar um aproveitamento intensivo e minucioso, certamente consequência da elevada densidade de população.

A extensão cultivada nos três concelhos de Meia Serra era excessiva, em vista da qualidade dos solos, mas note-se que em 1951–60 ainda foi bastante maior; estranha-se, sobretudo, a arroteia precoce, em comparação com outras regiões do Alentejo. Note-se que a propriedade é pequena para a qualidade dos solos, como se vê nas próprias *Cartas Agrícolas* e já foi referido por nós (FEIO, 1949, p. 98); e a

densidade da população é elevada. Desta região semi-serrana vinha grande parte dos chamados «algarvios» para as ceifas do Alentejo; daqui vieram também trabalhadores e até «colonos» para as arroteias das terras pobres do Alentejo, que se fizeram a seguir (por exemplo na Corte Condessa, no sul do concelho de Beja).

Évora apresenta proporção muito elevada de arvenses e pousios; vários factores condicionam esta posição, a cidade tem muita influência (anel de cultura intensiva na *Carta*, sem que a qualidade dos solos o justifique), mais longe usavam-se rotações muito largas, mas não havia charneca; finalmente, a *Memória de Évora* foi publicada num boletim correspondente a 1895, mas de facto impressa em 1899, bastante depois das primeiras medidas proteccionistas, de 1889, é certo que pouco importantes. Seja como for, a arroteia estava quase completa.

MONTADO (quadro IV)

O montado resulta da selecção e aproveitamento dos sobreiros e azinheiras, que são espontâneos mas que estão abafados pelo mato da charneca, senão encarrasqueirados pelos fogos e pelo dente dos rebanhos. Ao arrotear as charnecas, mesmo para culturas lavradas, basta pequeno suplemento de atenção para poupar as árvores, que naquele tempo eram valiosas, em especial o azinho, e que não prejudicavam os trabalhos das culturas, todos a gado e a braço, que facilmente se desviam de obstáculos, o que não acontece com a cultura à máquina e as mondas químicas, em especial de avião. O aumento dos montados é assim, em grande parte, um subproduto das arroteias para trigo, e, como se observa nos quadros, variam na razão inversa da charneca, a não ser quando aparecem causas anormais, como os ventos do mar no *Alentejo Litoral*, ou se há pouco nascedio espontâneo (algumas partes do *Baixo Alentejo Meridional*), talvez os campos ao sul de Évora.

Quadro IV – Montado

	1885		1951		Variação (ha)	Relação 1951/1885
	Área (ha)	%	Área (ha)	%		
Bx. Alent. Norte Int.	92 860	(27,0)	112 660	(33,0)	20 017	1,22
Alentejo Ocidental	88 341	(19,0)	144 171	(31,0)	55 830	1,63
Alentejo Litoral	4 204	(6,0)	6 890	(10,0)	2 686	1,63
Conc. Almd., Mért., Alcout.	46 834	(19,0)	45 092	(18,0)	- 1 742	0,96
Serra de Barrancos	10 742	(63,0)	11 896	(70,0)	1 154	1,11
Distr. Évora (parte)	89 305	(30,0)	131 598	(43,0)	42 293	1,47
	332 286		447 978		115 909	1,35

O azinho domina inteiramente, em relação ao sobreiro, no *Baixo Alentejo Norte Interior*, no *Baixo Alentejo Meridional* e ainda nos concelhos de transição de Alvito, Ferreira e Aljustrel; a parte ocidental de Ferreira está na transição e nos restantes concelhos ocidentais domina o sobreiro, de acordo com as exigências ecológicas respectivas. Mas as funções na paisagem e os rendimentos naquele

tempo eram semelhantes, por isso e para simplificar, consideram-se, a seguir, em conjunto.

O chaparral (montado em criação), assinalado em muitas cartas de 1885, não foi contado como montado, porque não estava em produção e porque em 1951–60 também havia chaparral, embora talvez menos, mas não está discriminado nos apanhados do SROA. O total de chaparral em 1885, nas subregiões que estamos a considerar, é de cerca de 50 000 ha.

Como é possível observar pelo quadro IV, os aumentos de área foram particularmente importantes no *Alentejo Ocidental*, onde houve enorme arroteia de charneca, e no distrito de Évora, que tem vastas áreas muito próprias para o montado (os números que se apresentam referem-se apenas a cerca de metade do distrito).

No concelho de Almodôvar houve praticamente estabilização da área quanto ao azinho, mas um aumento considerável (32%) no sobro².

No concelho de Mértola, a área de montado manteve-se aproximadamente, mas no de Alcoutim a área diminuiu muito, certamente pela pressão da agricultura e da população.

OLIVAL (quadro V)

Ao plantar vinha, nalguns concelhos era frequente plantar logo olival, talvez numa atitude de pouca confiança em relação à vinha (lembrem-se os ataques de oídio e de filoxera). Nestas complantações, a vinha produz menos e o mesmo sucede com o olival, sacrificados ambos pela concorrência do outro pela escassa humidade da estação seca. A verdade é que o olival também sofria esta concorrência de outras culturas (grão-de-bico e chícharos, última fase do trigo), e também produzia menos por isso. Pareceu-nos que considerar estas complantações também como olival, representava melhor a realidade e assim se fez, embora com o inconveniente de repetir, mas só nestes quadros, a área das complantações.

Quadro V – *Olival*

	1885		1951		Variação (ha)	Relação 1951/1885
	Área (ha)	%	Área (ha)	%		
Bx. Alent. Norte Int.	25 701	(7,5)	46 808	(13,5)	21 107	1,82
Alentejo Ocidental	5 530	(1,2)	14 407	(3,1)	8 877	2,61
Alentejo Litoral	138	(0,2)	72	(0,1)	– 66	0,52
Conc. Almd., Mért., Alcout.	560	(0,2)	1 278	(0,5)	718	2,28
Distr. Évora (parte)	13 293	(4,4)	19 633	(6,4)	6 340	1,48
	45 222		82 198		36 976	1,82

² Note-se um lapso importante no apanhado das áreas da Carta de 1951–60, feito pelo SROA. Indica-se para o azinho apenas cerca de 5100 ha, quando a nossa medição dá 24 900 ha; pelo contrário, o apanhado do SROA indica cerca de 24 900 ha para o sobro e a nossa medição, que foi repetida, cerca de 9400 ha (números arredondados às centenas, pois entendemos que no montado não se deve considerar uma precisão maior). Os números do SROA estão em desacordo total com os das medições da carta do fim do século passado; foi este facto que nos alertou.

As complantações de olival com vinha no levantamento antigo têm importância nos concelhos de Beja (1 508 ha), Vidigueira (1 020 ha), Cuba (983 ha) e Alcácer (719 ha); importância muito menor em Moura (288 ha) e Portel (126 ha), nalguns outros inferior à centena.

Há nota ainda de complantações com montado em cinco concelhos, interessando áreas pequenas e em conjunto sem significado.

O *Baixo Alentejo Norte Interior*, principalmente além Guadiana, tem muito boas condições para o olival (invernos mais frios e solos fundos com calcários pouco compactos); as terras mais próprias dos concelhos de Moura e de Serpa já estavam praticamente ocupadas com olival ao tempo do levantamento antigo, mas o olival continuou a aumentar, num fenómeno de contaminação por proximidade, mesmo em solos muito pobres, muitos de xisto.

No que considerámos como *Alentejo Ocidental*, as condições para o olival são boas em parte dos concelhos de Alvito e de Ferreira, muito más, com pequenas excepções, no restante. A área de olival no levantamento antigo era muito pequena (1,2% da área total), aumentou muito em relação, mas ficou sempre modesta (3,1%). Em conjunto, estes dois grupos de concelhos (os primeiros do quadro) duplicaram a área de olival.

O *Alentejo Litoral* não tem condições para o olival (solos com má drenagem e ventos do mar), a não ser nalgumas aluviões de vales muito encaixados. O olival não existia praticamente no primeiro levantamento e ainda diminuiu – pelo menos os elementos assim indicam – para o segundo.

Nos concelhos do *Baixo Alentejo Meridional*, os solos de xistos e grauvaques são impróprios para o olival e as áreas por isso muito pequenas. Em 1951–60 houve aumento considerável em proporção (mais que duplicou), mas as áreas são sempre muito modestas.

No *Distrito de Évora*, ocupação mediana (maus solos, mas muita população), que pouco se desenvolveu. Note-se que a parte considerada neste trabalho não inclui os concelhos mais favoráveis para o olival, os que ocupam o maciço calcário de Estremoz e os calcários de Cano (concelhos de Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Sousel e Cano, este último extinto).

VINHA (quadro VI)

Já se referiram as complantações com olival no levantamento antigo, a propósito da última cultura. Em 1951 continua a haver estas complantações, embora em áreas menores. A área de vinha nesta parte do Alentejo diminuiu para cerca de metade.

No *Baixo Alentejo Norte Interior*, os concelhos com mais vinha no levantamento antigo são Beja, Vidigueira e Cuba, com áreas de certa importância. Em 1951, a área desta subregião estava reduzida a metade e a do concelho de Beja a menos de um quinto.

No *Alentejo Ocidental*, destacava-se Ferreira com 1 275 ha, reduzidos no levantamento seguinte a um sétimo, e Alcácer com 1 212 ha, reduzidos a seguir a um terço.

Quadro VI – Vinha (em hectares)

	1885			1951			Variação de 1885 para 1951
	Estreme	Complant. com olival	Total	Estreme	Complant. com olival	Total	
Bx. Alent. Norte Int.	2 403	3 799	6 202	1 802	1 383	3 185	- 3 017
Alentejo Ocidental	2 847	968	3 815	1 150	1 062	2 212	- 1 603
Alentejo Litoral	123	58	181	260	2	262	81
Conc. Almd., Mért., Alcout.	196	—	196	39	—	39	- 157
Distr. Évora (parte)	2 956	223	3 179	1 031	306	1 337	- 1 842
	8 525	5 048	13 573	4 282	2 753	7 035	- 6 538

No *Alentejo Litoral* as áreas de vinha eram diminutas, no *Baixo Alentejo Meridional* ainda menores. Nas proximidades de Alcoutim, no levantamento antigo, havia muitas pequenas manchas de vinha, quase todas nas várzeas dos rios, que em 1951–60 tinham desaparecido.

O concelho de *Barrancos* não tinha vinha.

Na parte do *Distrito de Évora* que se considera, destacam-se Évora com 1 716 ha e Redondo com 916 ha; não havia complantações, pelo menos a *Memória* não as indica. Em 1951–60 todas as áreas estavam reduzidas a cerca de metade.

A vinha tinha tido grande desenvolvimento no Alentejo ao tempo das cartas antigas, por causa dos preços muito altos provocados pelos ataques da filoxera, em França e depois no resto do país. Mas a situação depressa se recompôs e as vinhas do Alentejo, menos produtivas por causa da secura do clima, não aguentaram a concorrência de regiões mais produtivas, facilitada pela melhoria dos transportes. A precaução de plantar com olival revelou-se acertada, mas forçou também a reconversão.

Outras culturas só esporadicamente têm importância, por isso não se apresentam quadros e chama-se a atenção de maneira breve. Nos concelhos de Alcácer, Grândola e Santiago, a superfície de pinhal (manso, é claro) passa de 15 839 ha para 21 124. Os eucaliptos, em Alcácer e Grândola, de praticamente nada para 2 863 ha e a superfície de sapais, incluída nos improdutivos, diminuiu em Alcácer de cerca de 5 000 ha, aproveitados como arrozais.

BIBLIOGRAFIA

- FEIO, Mariano (1949 e 1983) – *Le Bas Alentejo et l'Algarve*, Lisboa, INIC.
- FEIO, Mariano (1998) – *A Evolução da Agricultura do Alentejo. As Cartas Agrícolas de G. Perry. As difíceis perspectivas actuais na Comunidade Europeia*, Edições Colibri, Lisboa (no prelo).
- FEIO, Mariano; ROXO, Maria José (1991) – As Cartas Agrícolas dos finais do século XIX. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, XXVI (51), Lisboa: 211-214.
- LEMA, Paulo Bordalo (1971) – Fontes para o estudo da agricultura em Portugal. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, VI (11), Lisboa: 131-141.
- RIBEIRO, Orlando (1967) – Materiais para um Atlas Nacional de Portugal. *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, II (4), Lisboa: 276-289.